

Editor responsável, ANTONIO PACHECO

Director, PADRE BENEVENUTO DE SOUZA

Preça da Batalha, 115—PORTO

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao Padre Benevenuto de Souza, Outeiro, Torres Novas.

Lithographia União

Pagamento adiantado -

T. de Cedoueita, 22—PORTO

Anno 500 reis.—Avulso, 20 reis.

RECEITAS...



Intermináveis louvores ao sr. presidente do conselho pela escolha do ministro da fazenda. Um medico está habituado a fazer *receitas*, e era justo que fosse um medico o titular das finanças, afim de, sem gravame, *crear receitas*.
 E principiou bem, o sr. ministro; vendo que o Zé tom só pelle e ossos leva-lhe as orelhas, por superfluas.

Politica

(Extracto official da sessão de 7 de março na camara dos dignos pa-
res.)



P sr. presidente.—Tem a palavra o digno par de galhetas, sr. Juan Arre Oio. O sr. Juan Arre Oio.—Pedi a palavra para dizer a v. ex.ª e á camara que a reorganisação do ministerio, ou lá que diabo foi isso, é a maior peipeira a que eu tenho assistido. O sr. Zé Luci Ano, presidente do conselho...

O sr. Hint-Ze.—Alto lá, oh menino! Por enquanto, quem se abiscouta com essas honras sou eu...

O sr. T. Cheira de Sou Sá.—Apoiado! Apoiadissimo! Ora o maroto do rouxinol não queria que eu fosse collega do Zé Luci Ano!...

O sr. Juan Arre Oio.—Desculpe, amigo. Como os dois são gêmeos nas lunetas e nas sobre-casacas, confundi-os. Pois se em politica parecem-se tanto como dois pingos de cera derretidos!... (Continuando) Mas, como lhe ia dizendo e contando, sr. presidente, o gabinete é um bicharoco «polychromo»: um bolide me parta se me não dá ideia d'um «gabinete deita-gatos». O sr. presidente do conselho, o meu amigo Hint-Ze, por quem eu ando, de ha muito, badadinho d'amor, mostrou-se, ao constituir esta *ménagerie*, um artista de tres assobios. E olhe que n'isto d'assobios, eu, sr. presidente, bebo azeite, porque sou musico, filho de musico, irmão de musico, e como diz o ditado, filho de peixe sabe nadar. O sr. Hint-Ze, senhor de toda a minha consideração, cheirou, recebeu, trecheirou, e a pituitaria descobriu-lhe um limão de muito summo, Senior e Junior, estrangeiro de nome, que é mesmo uma rica beleza d'hortaliça; uma joia, d'aquellas com que o Edward foi mimoseado cá pelo Patrão da Lancha para lhe adoçar os queixos, que é uma prenda tirada dos canellos; e um franguito loiro, de cabeça pendida, lindo como os amores, delicado como uma sensitiva, que, só ao ouvir-lhe a suavidade da voz angelica, fez cair em deliquio um granadeiro da guarda municipal. Abobora, sr. presidente, abobora que o Hint-Ze tem um nariz que, se fosse conhecido de Linneu, daria um pataco por elle a olhos fechados!

O maroto teve a habilidade de armar, á ultima hora, em Jupiter, quando todos o suppunhamos uma Venus... de Murillo.

Acerca dos ministros velhos, sr. presidente, d'esta minha boca não ouvirá v. ex.ª nem os meus pudibundos collegas palavras que lhes firam a castidade da oitiva. Se aqui estivesse o Piment-El Frango, eu dir-lhe-ia apenas:—«Oh moço, acautela a pera e os lombos, porque o ministro da justiça quer ir-te ao folle da gaita!» E se visse diante de mim o Henriques dos Campos, bradar-lhe-ia:—«Oh coisa, tem tento na boia, porque o Piment-El Frango quer fazer-te ainda mais coreunda do que és. Olha que elle é um passaro de bico amarelo, embora tenha a pera pintada de preto.» Mas se elles estivessem juntos, para não desmanchar prazeres, dir-lhe-ia sorridente:—«Quem vos não conhece que vos compre e saberá a rica prenda que leva. Toquem n'estes ossos!» E apresentava-lhes a mão, espalhada e não fechada.

Quanto ao T. Cheira de Sou Sá, que agora (salva a cocophonia...) por obra e graça do sr. Hint-Ze armou em K. Rilho... de cuecas, vou dar-lhe um aviso e um conselho:—«Não continues, oh filho, a ser mal educado e a fingir que pescas d'essa regedoria de fazendas. Quem nasceu para sapateiro não pôde deitar fundilhos em calças. Fora das aguas, tu, Sou Sá, não és uma phoca, és um caranguejo. Pega na sovela e no cerol e vae montar tripeça para outra escada.»

Ao sr. Comes de Passou Biqueira, ministro das obras publicas, digo que é um homem todo triques, uma boneca bem falante, de cabello com risquinha ao lado, um *bijou*, uma

perfidia num assucareiro. Para subir não são precisos tantos merecimentos. Mas acautela-te, amigo Passou, porque o Sou Sá é um malcreação de marca G.

Ao sr. Vens lacrau, o homem da estranja, digo: «Toma lá um chie do coração por teres chegado onde sonhaste que chegarias no dia em que descobriste a Moneta ao astro.» E adeusinho, que o vinho Clareta está pela hora da morte, depois que subiste aos conselhos da corôa.

Ao sr. Gordo João, o actual homem dos mares e da pretalhada lá dos confins do mundo, brado-lhe, com a mão no peito e os olhos em branco: «—Oh Neptuno, olha que o Sou Sá comeu-te a pinha! Agora descalça como puderes a bota que elle te cingiu á perna como uma braga. E guarda a joia preciosa, porque pôde vir algum cevado, gordo e anafado, que t'a queira roubar!»

Agora a ti, Hint Ze, dir-te-hei: «Podes mandar bugiar as aguas do Tejo, que cheiram mais mal do que bacalhau podre. As do Bosphoro é que são cheirosas como canella e saborosas como gallinha. Governa-te com ellas e mais o Sou Sá, que te porão mais gordo do que uma vacca leiteira.»

E agora, sr. presidente, depois de desem-buchar, vou pôr ponto, desejando a v. ex.ª uma paciencia de chifre para se aguentar no balanço e a todo o governo muita saude, muitos pintos e o diabo que o carregue, que não carrega coisa boa.» (O digno par não reviu o seu discurso.)

O sr. Luci-Ano—(A parte)—E não se abriu o inferno para tragar um diabo d'estes!

O sr. Hint-Ze.—(A parte)—E fui eu que nomeei este Holophernes par de galhetas!

O sr. visconde de Chão-Selleiros.—(A parte)—Querem vêr que este rouxinol das salas me quer desbancar em má lingua?

O sr. Eduard Zé Loparo—(A parte)—Palavra d'honra que nunca encontrei um descarado que me enchesse tanto as medidas!

O sr. Vens lacrau—(A parte)—Quem me mandou a mim sair do Porto para vir ouvir coisas que nunca feriram a sensibilidade do meu timpano!

O sr. Comes de Passou Biqueira—(A parte)—Se eu não soubesse que este maroto é hespanhol, havia de dizer que era de Braga e se chamava Lourenço!

O sr. Gordo João—(A parte)—Deixa estar que, se eu te pud-r dar com a joia no fundo das costas, não ficas sem a petisqueira!

O sr. Henriques dos Campos—(A parte)—E passa um homem a vida a não fazer mal a uma mosca e a pensar só em si e nos amigos para ouvir d'estas!

O sr. T. Cheira de Sou Sá.—(A parte)—Se eu te apanhasse á minha porta, com a tropa dos tabacos á roda, quebrava-te a porca d'essa cara, meu Nyassa do inferno!

O sr. Piment-El Frango.—(A parte)—Sim, sim, o que tu tens é inveja da minha marcial pera!

(O «Diario da Camara dos senhores deputados» ainda não publicou o discurso do sr. Hint-Ze, em resposta ao do sr. Juan Arre Oio. Se o publicar a tempo e horas de ser transcripto no proximo numero, e não tiver perdido a oportunidade, mimosearemos com elle os nossos queridos leitores petardeiros.)

Enygma

Vejo, ás vezes, passar pela rua,
Com charuto na boca a fumar,
Mil pelintras, inda hontem sem nada
E hoje, altivos, riqueza a arrotar.

Vestem fato da ultima moda.
Calçam bota que, ao longe, reluz;
Usam frak, gravata e chapéu
Que só vel-os riqueza traduz.

Não comprehendendo mudança tão rapida.
Quem me pôde explicar a razão?
Ah! já sei, inda agora reparo:
Teem unhinhas na palma da mão.

Petardêtes de Lisboa

Tem soffrido grandes abalos na sua importante saude o senhor D. Carnaval I, que sente a nostalgia das pompas majestaticas. Consolante, papo, que já foste farto.

—O nosso venerando collega e figadal amigo Navarrão tem preparado um novo estudo sobre os Leopoldos para publicar nas *Novidades* qualquer dia que se veja bigodeado por D. Leopoldo Não-se-diz.

—Consta agora, e só agora, aos grandes diarios d'esta capital que ha em Portugal uma especie de animal feroz, desconhecida no resto do mundo. E' o que vulgarmente chamamos «fiscal do sello». Vai ser enviado um dos melhores exemplares d'esta fera nacional para o *Zoological Garden* de Londres, e outro para o «Jardim das plantas» de Paris.

—Como sabe todo o mundo, o nosso gravissimo collega *Diario de Noticias* mandou, como auctoridade competente, proceder a uma syndicancia para apurar as responsabilidades da nossa fina e refinada aristocracia que nas noites d'entruado levantou o nivel de S. Carlos ás alturas d'uma cenza da Hottentotia. Segundo a dita auctoridade gazetaria, toda a responsabilidade *precipua* coube ao Petronio official, que deixou esp-zinhar os seus editaes n'aquelle templo das elegancias, á vista de seus proprios olhos, na presença das suas barbas e na ausencia da sua cabelleira.

—O sr. Jayme Arthur da Costa Pinto, como tem corpo para repartir por setecentos nichos, pretende tambem o posto de tambor-mór no batalhão da Ajuda. Perfeitamente a caracter e a preceito.

—Diz-se nos circulos militares que o batalhão carnavalesco do Campo de Ourique formará a primeira linha da tropa fandanga com o bravo batalhão da Ajuda. Na segunda linha ficarão os fiscaes dos phosphoros e outras unidades brutaes que podem disparar carabina com bala por sua conta sem risco.

Dialectica vareira

Não é nenhuma invenção cá dos petardistas; mas um caso authentico.

Uma peixeira de Ovar, moça e bem parecida, estava n'uma pharmacia esperando lhe apromptassem um remedio que havia de levar para seu pae enfermo. Acaso estava na botica um estudante de medicina, e logo se poz a dizer-lhe gracetes. Mas ella, como se não ouvisse, persistia séria e carregando cada vez mais o semblante, com os olhos postos n'um ou noutro ponto do tecto como abstracta.

—Ande, avie-se, que tenho muita pressa—disse por fim ao praticante, toda formalizada.

Este lança-lhe tambem um gracejo picante; e ella com expressivo enfado exclama:

—Que diabos do inferno! Um d'aqui, outro d'alli! Se deixassem a gente em paz e fossem para as profundas do inferno...

—Ora essa, menina!—acudiu o medico.—Quem lhe disse que ha diabos e que ha inferno? Foi o seu abbade?

—Ah seu grande diabo!—responde a peixeira,—não basta vê-lo a você e mais áquelle para saber que ha diabos do inferno? Ora os mafarricos a virem cá dizer que não ha inferno, e elles a vixarem a gente para lá!

E assim dizendo vira as costas com aquelle desembaraço tão caracteristico das peixeiras.

—Espere, menina; leve o remedio, que está prompto. Desculpe, venha cá...

O pharmaceutico chamava, chamava; mas ella, já na rua, continuava em voz alta:

—Ora os grandes diabos do inferno! Nunca mais venho a esta botica. Viesses uma redada de diabos e os arrastasse pra as profundas do inferno, que não tornassem a apparecer. Olha se a gente não ha-de erer que ha inferno... Uns diabos assim nem são cá d'este mundo. Credo! abrenuncio!

—Como se poderá sahir d'um beco sem sahida?

—Muito facilmente: voltando para trás.

Sessão espirita

Os caros leitores vão, de certo, estranhar que o pobre Joanito, que se tem incuicando de christão, theorico e pratico (que o é por graça de Deus) cahisse na fraqueza de entrar n'um antro espirita. Pois caiu sim, senhores, e foi o motivo porque não deu consultas, durante este mez á sua numerosa clientela.

Foi o caso:—Para me subtrahir ao pagamento da contribuição das cavalgadas... quero dizer, da finta lançada aos cidadãos que tem o arrojo de viajar a cavallo, fui a Cacilhas contractar a compra d'um jericó de raça castelhana, contracto que se devia effectuar por escriptura publica, com os competentes sellos.

Ora, como o leitor facilmente calcula, a banca de advogado cá na aldeia não rende quasi nada: apenas uns insignificantes presentes de peixe—d'uns parentes que tenho em Cezimbra, a quem tenho passado *gratis* algumas minutas para sustentarem uma demanda que trazem ha muito com o... mar. Portanto advinham o que eu lhes quero dizer: trazia dinheiro para o burro, quer dizer, para a compra do dito e pouco mais. Por isso accetei hospedagem em casa do meu velho amigo e antigo camarada José do Outeiro, homem muito considerado em Cacilhas, por ter muita paciencia, quando lhe morreu a sogra.

O demo do homem, porem, que no tempo da Patuleia militou commigo no batalhão do *pataco*, e era tão religioso como um frade bernardo, e tão patriota, que se lembrou de prisionar o general Concha, quanto a patriotismo está um pouco inclinado para o iberismo, e quanto a crenças, é um doido pelo espiritismo. E depois de me offerecer uma chavena de chá que, segundo me affirmou, lhe offerecera o sr. José d'Azevedo, tomou-me pelo braço, dizendo: —«Acompanhe-me á assembleia».

Julguei progresso de mais para Cacilhas, mas... confiei no amigo.

Eram 10 horas da noite quando entramos na tal sala da assembleia.

Sala? Era um pardieiro coberto de colmo, um moinho de vento abandonado por falta de fornadas!

Pois lá estavam já em volta d'uma meza com pé de gallo uns figurões tão bons como elle... e como eu, não é por me gabar.

Um dos que estava, já entrado em annos, dirigiu-me estas perguntas:

—«D'onde és?»

—«Da aldeia de Paio Pires.»

—«E' o Joanito?»

—«Sim.»

—«O sr. não é miguelista?»

—«Eu? Conheço D. Miguel apenas pelo retrato.»

—«E v. ex.ª?»

—«Eu sou um convencionado d'Evora Monte.»

—«Quer consultar a meza?»

—«Eu? para que?»

—«Ella a que responde?»

—«Pergunte, pergunte e ouvirá.»

E, leitor, a tentação foi superior ás minhas forças, não por acreditar, mas sim porque queria convencer-me se aquillo tinha a importancia que certa gente lhe attribue.

E perguntei:

—«Os regeneradores conservar-se-hão muito tempo no poder?»

—«Tanto quanto quizerem,» me respondeu uma voz cavernosa.

—«E quem lhes succederá?»

—«Os progressistas,» tornou a voz.

—«E depois quem subirá ao poder?»

—«Os regeneradores, continuando assim até...»

—«Até vir a republica?»

—«Se vier, chamar-se-á... *Reles... pu-lha.*»

—«Pode dizer-me alguma coisa com relação ao tempo?»

—«Previsão do tempo?»

—«Sim.»

—«Está proxima uma tempestade medonha, que se originará em S. Bento. Nimbos acastellados seguirão para o norte e sul de Portugal; haverá trombas... trombadas e, por fim, um-

chuva de albardas medonhas, que cahirão nos campos, nas casas, nas fabricas; emfim, albardas de tal peso, que háode derrear todos os homens que trabalham.»

—«E as mulheres?»

—«Essas mulheres recolher-se-hão aos theatros—as que tiverem meios—aos toucadosres e consultarão os jornaes de modas.»

—«E os maridos?»

—«Esses deixarão correr os marfins.»

Fiquei horrorisado, caro leitor. Fugi e não comprei o burro com medo á albarda.

Dr. Joanito.

Novidades petardeiras

Teme-se que na semana maior haja sensível falta de judeus no monte Calvario, porque ultimamente morreram bastantes, em Castello Branco e na Covilhã, atacados de trichinose. Está averiguado pela sciencia que esta doença é vulgar na raça semitico-beirã em consequencia de continuas indigestões de usura.

—Pediú aposentação o Malcos lanterneiro, que em tantos seculos de serviço na escadaria do paço arcebispal de Braga nunca cedeu o seu logar nem faltou ao serviço. Este Malcos, segundo rezam as chronicas dos biscoais e biscoainhos, é o mesmo que em Geth-Semani foi desorelhado por Simão Barjona e d'ahi, com a orelha curada, veio trazer os ossos de Herodes a Villa Velha do Ródam; e, passando de Idanha a Velha para Guimarães com o nosso rei Wamba, casou na rua de Janes ou Joannes (agora de Jano) com uma filha da princeza Augusta Braga, da qual teve dois filhos, chamados Maximinos de S. Pedro, que povoaram a freguezia do seu nome: e elle, por bons serviços que fez ao pae de Silvana contra Fam-Ali-Kan, foi provido na capitania do Souto e finalmente collocado, isto é anichado, com officio inamovível ás ordens dos arcebispos e senhores de Braga que pelo tempo fossem até ao dia do juizo Isto de archeologia hebraico-brácaro-prehistorica é um bocadinho tão saboroso para os nossos leitores, como para os srs. Bellino e Pereira Caldas. Outro dia daremos mais.

—Informam os nossos correspondentes politicos de Guimarães que se promove alli, nas capellas dos Passos de Nosso Senhor, entre os judeus e pretorianos um abaixo-assignados, o qual será endereçado ao sr. conselheiro João Franco. Ignora-se ainda o conteúdo, mas parece que é questão de reforma. Na verdade aquellas narigões, aquellas beirarrões, aquellas orelhas, aquellas barrigas estão pedindo reforma completa. Nem parece gente de Jerusalem; parecem fiscaes do sello, exceptuando dois que nas bochechas e nos beirarrões dão ares de Hint-Ze Adolpho (con. o p h) e outro que tem uma pera á Pimentel Pimpão.

—A sr.ª Anna Dias, da Anadia, ha dias foi de dia a Lisboa para dar os bons dias ao seu senhor compadre, que é o sr. conselheiro que mora na rua dos Navegantes em casa da sr.ª D. Emilia.

—Corre em Paris que a famosa Teresa Humbert foi escripturada para o principal theatro de Nova York como actriz de primeira ordem. Ahamos pouco; porque, em a nossa opinião, a sr.ª Humbert não é uma actriz de *primo cartello*, mas muito superior a todas as actrices de todos os theatros.

Cumulo do cynismo

Constou-nos que no dia em que a firma Hint-Ze, Zé-Luci-Ano & C.ª deixam os postos, nas portas das varias cavernas do Terreiro do Paço apparecerá este cartaz:

«Os nossos esbanjamentos foram poucos.»

N'um dos ultimos exames para sub-inspectores:

—O que é uma raiz quadrada?

—Senhor, eu não estou aqui para fazer exame de agricultura.

Os tocos do Pernicurto

Em nome da humanidade
Venho fazer um protesto,
Ingente d'indignação,
A favor da honestidade
Que deve ser apanagio
Da heroica luza-nação!

Vivia outr'ora o Mattoso
Entre as fadigas de lente,
N'um relativo descação,
Debaixo do ceu formoso
Da Lisboa marmórea e bella,
Ufano d'um tal remanso.

Tinha por pernas *toquinhos*,
Pequenos, mas engraçados,
Que o tornavam galante;
Como eram desengonçados,
Tanto por elles puxou
Que chegou a ser gigante.

E os *toquinhos* cresceram
Em progressão successiva,
Que a todos causou espanto!
Pra Pae da Patria o elegeram,
A ministro o elevaram
—Tanto elles cresceram, tanto!—

Como pernicurto fóra,
Jamais elle se esquecera
Da pequenez sua antiga;
A sua mão protectora
Demonstrou-o, protegendo
No Paço tanta formiga.

Na Fazenda era um pimpão!
Andava o dinheiro a rodos
Por toda a repartição,
Que o procuravam todos,
Tolos, todos sempre vinham
Sorrindo de gratidão.

E' que elle era philanthrópc,
Tinha a alma bem formada,
Soccorria o pobre, o róto,
Dava esmola á *desgraçada*,
E, com medidas d'*alcance*,
A patria poz... alcançada.

A inveja, porém, mordeu-o
Na sua reputação,
E o futuro elle viu-o
Tão negro como um tição.
Ingratos! bradou, me obrigam
A pedir a demissão...

Em conselho de ministros,
Ministro deixou de ser,
Fulgores nos olhos sinistros
N'elle podiam-se ver,
Fazendo lá tal chinfrim
Que até *steve Troia a arder!*

Desde esse dia sombrio,
Mattoso, que Santos era,
Sente arrepios de frio
E o choro que já vertera
Derreteu-lhe as pernicutas
Como *toquinhos* de céra.

Por isso eu, indignado
Perante uma infamia tal,
Em protestar faço bem.
Não tenho n'isso razão?
Tenho, que o Pernicurto
Nem já os *toquinhos* tem...

Nicolau Tolo-em-Tno.

Collecção de feras

Noticiam os jornaes da capital que nos ultimos dias augmentou a collecção de feras, no jardim zoologico. Bonitos e notaveis exemplares ahí deram entrada, e foram recolhidos nas jaulas.

Por isso as bancadas da maioria, na Camara dos Deputados, têm estado desertas.



1.ª estação — Nesta estação contemplamos o nosso Jesus quando, ao chegar a Lisboa com uma carta de bacharel no bolso, para diante da estatua de D. José I e lhe pergunta, — a elle e ao companheiro — qual o melhor caminho a seguir para servir a Patria e a Religião, os dois unicos amores que se abrigam no seu amantissimo peito de luso sans peur et sans reproche.

2.ª estação — Nesta estação contemplamos o nosso Jesus em Valle de Lencoes recebendo do alto a inspiração d'ir dar com os ossos no *Correio N.* e offerecer-se para sacrificar alli toda a sua vida em defeza da Patria, da Religião e . . . de 50\$000 reis por mez.

3.ª estação — Nesta estação contemplamos o nosso Jesus a amassar afanosamente a farinha Religião & Patria no *Correio N.*, e o respeitavel publico a saboreal-o, dizendo que é um padeiro tirado das cauelas.

4.ª estação — Nesta estação contemplamos o nosso Jesus a jogar com um pau de do bicos por occasião da candidatura do sr. Bispo de Himeria (hoje do Porto) e deputado por Barcellos, para afinal se vender ao governo regenerador pelo diploma de deputado.

5.ª estação — Nesta estação contemplamos o nosso Jesus a levar no *Correio N.* com a taboa na rabadilha e a ir expôr o seu talento e mais partes na *Tarde*, ministrando aos amigos copinhos de licôr ultra-regenerador.



6.ª estação — Nesta estação contemplamos o nosso Jesus feito director da repartição da Caixa dos Depositos com 100\$000 reis por mez, graças á protecção do sr. conselheiro Jacinto Candido.

7.ª estação — Nesta estação contemplamos o nosso Jesus investido na chefatura do partido regenerador do Funchal, na qual deu agua pela barba ao seu amigo Hint-Ze.

8.ª estação — Nesta estação contemplamos o nosso Jesus dando com os pratos na cara ao Hint-Ze, chamando-lhe os nomes mais feios do vocabulario politico, e fazendo uma pirueta para entrar de novo para o *Correio N.*, empurrando pela porta fóra, por processos bem conhecidos, o herotico Nemo.

9.ª estação — Nesta estação contemplamos o nosso Jesus prestando relevantissimos serviços á Igreja e ao Estado com notaveis artigos em favor das Congregações Religiosas.

10.ª estação — Nesta estação contemplamos o nosso Jesus, norteado por um grande ideal, a defender a constituição do Centro Nacional e a associar-se com outros para o implantar no paiz.

11.ª estação — Nesta estação contemplamos o nosso Jesus no momento em que, vendo que outros adquiriam mais prestigio do que elle no Centro Nacional, começou a intrigar por toda a parte para apear os que lhe faziam sombra.



12.ª estação — Nesta estação contemplamos o nosso Jesus recebendo o nandado de despejo do *Correio N.* pela segunda vez e por concomitancia do Centro Nacional.

13.ª estação — Nesta estação contemplamos o nosso Jesus a mostrar o negrume da sua alma na *Voz da Patrãha*, torcendo adrede os factos e envenenando tudo para denegrir caracteres impollutos.

14.ª estação — Nesta estação contemplamos o nosso Jesus a offerecer os serviços do seu novo jornal ao Zé d'Alfoim, que, enojado de tanta dignidade e hombridade, o mandou pentear macacos.

15.ª estação — Nesta estação contemplamos o nosso Jesus a beijar de novo as solas das botas ao Hint-Ze, a pedir-lhe perdão dos peccados passados e a dizer-lhe que a *Patrãha* ficava ás suas ordens. . . se elle desse *cumquibus* para ajuda das despesas.

16.ª estação — Nesta estação contemplamos o nosso Jesus, de joelho em terra, a receber o perdão e a benção do Hint-Ze e está a dizer-lhe que não queira vender o peixe tão caro, porque se está no periodo das vacas magras.

17.ª estação — Nesta estação contemplamos o nosso Jesus a firmar pacto com o Hint-Ze e a jurar-lhe fidelidade inteira. . . emquanto não apparecer outro pato mais pato do que elle, Hint-Ze.

Pilhéria antiga

Com este rótulo abrimos aqui uma barraquinha, a pedido de muitas famílias que gostam de se rir á antiga portugueza. Para que a taboleta não minta, iremos vendendo breves historietas, gracetes e graçolas, que nos deixaram bons auctores; e não lhes poremos a marca da casa, como fazem alguns nossos collegas da imprensa sisuda; mas sempre em cada peça irá a etiqueta com o nome do auctor ou do livro, que nos fornecer a fazenda.

Estreemo-nos hoje com um bocadinho de pilhéria d'aquelle honesto e gracioso «petardista» nosso predecessor, que se immortalizou com o *Almoço das Petas*, José Daniel Rodrigues da Costa. Deus o tenha em bom logar; que já não é d'este ridiculo mundo desde outubro de 1832.

Segue a copia.

«Entrou no Limoeiro uma mulher regente d'um famoso collegio de iadrões que tinha na sua casa. Nem na praça da Alegria, á terça-feira, se ha de juntar em tempo algum tanta fatiota e moveis alheios, como os que tinha esta infeliz depositaria em seu poder. Até se lhe achou um bahú cheio de pistolas, que eram os livros por onde os seus meninos iam de noite estudar a lição fora de casa.

Achou-se a esta miseravel um pateo cheio de gallinhas, perús e patos; porque a maior parte dos quintaes das casas de Lisboa pagavam dizimo e quinto, das cabeças que criavam, a esta endiabrada mulher.

Quando a prenderam, escapou o capitão dos ladrões por uma janella, em camisa. Foi galantissimo correr elle por uma rua, n'aquelle estado, em outro bairro, onde se encontrou com uma ronda; e porque lhe não pegassem, já de longe ia gritando que lhe acudissem, que o tinham roubado. Então o escrivão das armas, chegando-se ao pé d'elle e ouvindo as lamentações que o velhaço fazia de que uns ladrões alli adeante o tinham despedido, encheu-se de ternura, cobriu-o com um citoyé novo que trazia, e deixou-o ir. Eis aqui um bom ladrão, que ainda n'aquelle estado se recorda dos atrazados e no maior conflicto nunca perde de memoria a arte de furtar».

O démo no palmar

Em Goa até ao diabo
Sustos causa um portuguez.
Contou-m'o assim quem tal fez,
Tendo divisas de cabo.

Passando por um palmar,
De noite, espingarda ao hombro,
Ouví ruído de assombro
E disparei logo ao ar.

Eis, em seguida ao estalo,
Um vulto correndo vai;
Mulheres a dizer: ai!
E cantarejos de gallo.

—Quem é que foge? Alto lá.
—E' o diabo! diz-me um *bólto*.
—Espera, espera, maroto;
Vem pelo gallo, vem cá.

E vós, mulheres, que officio
Vindes ao demo fazer?
—Viemos-lhe offerecer
Este gallo em sacrificio...

No *bólto* então desandei
Uma sova que fervia.
O gallo? esse ao outro dia
Em minha casa o papei.

Nova Goa.

Pá-kló.

Pergunta-nos «um assignante curioso» que coisa é *zumba catumba*.

—E' com pouca differença *pumba catapumba*. Nunca viu? Pois, se não viu, terá ouvido; e se não ouviu, é surdo como aquella porta.

Resposta ao «Correio de Casa»

Jamais cuidei que a minha «Chronica» monstro resurgisse do somno em que jazia no cabaz dos lingoados inuteis, a que a condemnára a minha verborrheia (abrenuncio!) Não botei foguetes «pelo fausto acontecimento» porque tenho medo que me *péllo* d'esses maldictos arautos da queda dos ministerios que Deus guarde. Comtudo não posso furtar-me á tentação de deitar meia duzia de bichas de rabiari ás canellas do patrão magno do «Correio de Casa.» Nunca esperei que Sua Excellencia me deitasse n'este tontouço de formiga uma maromba do calibre d'aquella que me enterrou até ás orelhas no correio economico. Com mil macacos! Antes me houvesse deitado de escabêche para as *kalendas gregas* o meu par de lingoados, do que agora pôr-me no cabego da lista dos escrevinhadores de «estopa-da» ou estopa que sempre odiei (junta á pelle)!

Pensava, mas sem morrer a pensar, que o general em chefe dos petardistas acolhesse de cara airosa este novo pupillo e,—senão quando—é me sonegado o «coppo cá da rapaziada!» Mas, á força de me pôr em bico de pés, tenha paciencia, sempre hei-de chegar a metter o focinho, salvo seja, na caçoila onde se faz a papa-fina d'O *Petardo*. Peço, portanto, que se me não torne a zurzir com o látejo de que se servem os creados do Zé Galliza ahi do Porto. Sou medroso como um rato palustre e ao menor ruído que se faça no «Correio de Casa» pernas para que te quero eu, encafurno-me na minha toca e lá irá por agua abaixo o *Tyrteu*. Demais a mais, quem toma todas as manhãs chá (de grêlos) não leva a bem que se lhe chicoteie o *canastro* até lhe pôr a *espinhêla* ao sol.

Tyrteu.

Um doutor...

Rua acima, de vagar, ia cavaqueando com o meu amigo Ginja, que por signal é typographo, sobre o que ha de mais trivial. Muita pilhéria e muito riso, porque o meu amigo é homem que condimenta bem um cavaço.

A certa altura da rua e da palestra tivemos de parar para cumprimentarmos o distincto medico João Gafênas.

—Então, sr. Ginja, os meus impressos ficam promptos?

—V. ex.^a pode contar com o trabalho...
—Ainda bem. Adeus... Olhe: brevemente mandarei o modêlo d'uns *vaes*.

—O que v. ex.^a quizer.
—O' amigo Ginja, que te parecem os meus ouvidos? Percebi que esse teu illustre freguez te commendára uns *vaes*.

—Sim uns *vaes*.
—Hein? !
—Sim, uns *vaes*. . . foi o que elle disse. E quem tu alli vês tem carta de doutor...

—Não digo que não! Ora essa...
E ambos demos uma valente gargalhada.

Colorau.

Bilhete-postal ao Zero

Achei uma graça infinita aos magnificos enxertos que V. Ex.^a se dignou fazer nas cabeças estereis dos nossos politiquieiros (*Petardo* n.º 16). Revela aptidões inconcussas sobre a enxertia e um braço digno d'um viticultor provado em mil luctas contra o *phylloxera*. Era de esperar que V. Ex.^a não fosse, desculpe a expressão, tão mesquinho nem tão malfazejo.

Mesquinho, porque, para poupar tempo e lapis, não prolongou pelo menos metro e meio as articulações do coxiz d'esses dançarinos infernaes. Malfazejo, porque não quiz dar a essas creaturas orgão sufficientemente apto para enxutar as *moseas* no proximo verão.

Creado e admirador de V. Ex.^a

Tyrteu.

Só para mulheres

Ainda ha muita gente, minhas senhoras e collegas, que crê o que não se pôde crêr, e não quer crêr o que se deve crêr por fé. Com que credulidade se fiam muitas mulheres da impostora que deita cartas e do embustiero que lê as sinas! Com que grosseiro fatalismo pensam que os nomes de baptismo determinam a sorte ou influem no moral das pessoas!

Ora deixemos essas tolices aos homens. Nós não devemos ser supersticiosas, nem fatalistas, nem crendeiiras. Sejam-nos elles; não o queiramos nós ser, já que temos a honra e a dita de pertencer ao bello sexo, não obstante haver algumas feias como esta sua creada (as excepções confirmam a regra) e tambem haver alguns homens que não são tolos.

Mas a proposito de crendices sobre o nome vou-lhes dar uma grande novidade. Um sabio da Grecia, dado a estudos ethnologicos e estatisticos, passou alguns annos em Portugal e mais alguns no Brazil indagando e notando a relação que poderiam ter os caracteres feminis com os nomes proprios. Finalmente concluiu o seu profundo trabalho com resultados rigorosamente scientificos, tomando sempre dois extremos por média em cada nome.

Se vossas excellencias tomassem a serio a sciencia d'este homem, que não inventou a polvorinha com fumo nem a bubonica do Porto, eu far-lhes-hia conhecer a obra inédita. Ora vamos: dar-lhes-hei uma pequena amostra, para que depois me digam os seus pareceres.

Adelaides, Adalias e Adelines são todas discretas ou exigentes.

Albertas, Albertinas e Albinas, nervosas ou apathicas.

Alexandras e Alexandrinas, talentosas ou palonasas.

Alices, Aloisias e Luizas, animosas ou timidas.

Almerindas, Almiras, Belmiras e Delmiras, divertidas ou choronas.

Amalias, Amelbergas, Amelias e Emilias, generosas ou avarentas.

Annas e Analias, leaes ou falsas.

Antonias, Antonietas e Antoninas, pachorrentas ou freneticas.

Armandas, Armindas, Ermelindas e Ermengardas, condescendentes ou teimosas.

Augustas, Auras, Aureas, Aurelias, Aurelianas, Auroras e Isauras, recatadas ou namoradeiras.

Balbinas e Barbaras, piedosas ou levianas.

Benedictas, Bentas e Bibianas, pacatas ou intrigantes.

Blandinas, Brancas, Candidas e Marias das Neves, activas ou descuidadas.

Já basta por hoje. Mas, por quem são, minhas senhoras, fique isto entre nós: que os homens não aventem semelhante obra; se não, tiram-nos as inquirições pelo nome da pia e deixam no estado de solteiras a muitas devotas de S. Gonçalo e de Santo Antonio.

Vossas excellencias me dirão se hei-de continuar a transcrever do dicto dictionario os nomes que mais podem interessar a sua curiosidade. . . só por curiosidade. Cá estes senhores do *Petardo* conceder-me-hão algum espaço em outros numeros; e quanto a segredo, podemos fiar-nos d'elles, como se fossem mulheres.

Lina Fina.

Aos nossos mais afamados petardistas

Em terriveis apuros nos temos visto com uma pergunta que ha dias nos fizeram:

«Qual é a cobardia que melhor sabe disfarçar-se de valor?»

Dias e noites inteiras a pensar no caso, e não atinamos com a verdadeira resposta.

Temos proposto mil coisas, e sempre ouvimos um desanimador «Não é»

Aos nossos mais dedicados amigos pedimos que nos prestem a sua agudeza de intellecto. Se nos permittirem, aqui publicaremos as suas respostas.

Hesitante

Das aguas á beira,
 Todo alvoroçado,
 Como allucinado,
 Anda o bom Cerdeira.

«Triste (diz) meu fado,
 Pois d'esta maneira
 A existencia inteira
 Passo attribulado!»

Subito, parou;
 N'uma illusão fitou
 A murmurante ria...

Um pretexto ledo
 Solta agora, a medo;
 «Mas... está tão fria!...»

M. Velloso.

Hymno á politica rotativista

A ti que tens levado a todos os recantos do paiz a fome e a miseria; a ti que tens esmagado o pobre povo—o teu Zé—com tributos de mil diabos; a ti que tens entrado em tantas casas, em tantas associações, em tantas egrejas, em tantos tribunaes, em tantas repartições... deixando um horrivel fetido, e tudo mesclado de porcarias; a ti que tens devastado cidades e aldeias, montanhas e planicies, o continente e as ilhas, a ti a maldição da rapaziada d'O Petardo; e—não só isso—o protesto, o odio, a condemnação do nosso exercito petardista; e—não só isso—o desprezo da maioria da nação que acaricia, abraça e estreita um ideal santo e nobre.

Correio da casa

Pica-pau.—Olé, ó seu Pica-pau, que lhe importa a você quem é a Coisa que Anda no Ar, com que o Popular tem intrujado meio Portugal? Magro, gordo, branco, vermelho, elevado, atarrecado, gigante, pote da ginja, ruivo ou preto, limpo ou sardento? Seja quem fór, você não é chamado a metter o nariz, e menos ainda a sua penna, na cavaqueira. Já se cá sabe quem é a Coisa, porque o nosso amigo Jacinto Candido, que é loiro e guapo, gordo e não muito alto, já o disse, por linhas umas direitas, outras tortas, no parlamento, nas respeitaveis barbas de todos os seus colligas, no numero dos quaes entra o Hint-Ze e o Luci-Ano, os dois irmãos siamezes, que estão prestes a levar com a tal Coisa no ar... ás avessas. Bo!... Cale, pois, a caixa e deixe correr o marfim, porque o que for, se Deus quizer, se verá.

E se não se chegar a ver, saude, pintos e graça de Deus, que é o que se precisa, e nós mais que ninguém.

Ergo,—dá licença, sim?—lixo com a prosa. **Verruma.**—Achamos muito rombo o seu bico. Assim, meu caro, não abre buracos, racha madeira e... borra a pintura. Lá que o *Ki ri* no rosto dos ingenhos que o acreditaram e merecia duas energias verrumadelas, plenamente d'accordo. Mas, — aqui para nós—se o mundo está assim, mais torto do que o chavelho d'um carneiro, que quer o *Verruma* que nós lhe façamos? Endireitar o mundo não seria tarefa superior ás nossas forças, se nós estivéssemos dispostos a pregar essa espiga á humanidade. Mas, depois? Como queria você que nós vivessemos, se meio mundo não andasse a comer a pinha a outro meio? Você já pensou, ó *Verruma*, que isto sempre foi assim, e que, se deixasse de ser como é, a Terra se converteria n'um Paraiso? E, meu caro, que queria você que o diabo fizesse? Colheres,

garfos, facas, sapatos, pinos para sapateiro e amolasse tesouras e navalhas? Tenha juizo e deixe rolar a machina como rola, que n'esta desharmonia é que está o encanto. Se todos fossemos sérios, dignos, honrados e honestos, havia de ser bonito! Passariamos o tempo a contar historias da carochinha uns aos outros e a catar as pulgas e os percevejos da cama para matar os ocios. Bru! que aborrecimento, querido *Verruma!*

Olhos de gato.—Este amigo diz-nos, entre outras coisas que aqui não archivamos para não fazer chorar as pedras, que:

Lindos olhos tem a preta,
 Tem, tem, tem!
 Mas,—coitada!—não tem cheta,
 Não tem cheta!
 Nem vintem!

Preta, com olhos lindos ou feios—isso nada faz ao caso—mas sem vintem, não rima, palavra d'honra que não rima... para branco.

Leve-a para a America, para a terra onde canta o sabá, se quizer, ponha-a na rua a vender barriquinhas d'ovos molles, faça que ella ganhe muito d'aquillo com que se compram melões, e depois fale, que encontrará quem lhe pegue. Assim, pretinha, sem trazer no bolso uma saquinha de retratos da rainha Victoria em metal amarello, diga-lhe que não nos venha ver... porque não estamos para lhe aturar as borracheiras.

Salta-pocas.—Este cavalheiro diz-nos que está prompto a collaborar «poeticamente» no *Petardo* com a condição de o deixarmos desancar impiedosamente o Zé Luci-Ano, que, na opinião d'elle, ainda é peor do que o Hint-Ze, que é um bom homem quando toma chá e torradas com a familia, mas um estoira-vergas quando vê deante d'elle o Franco e as clientelas. Mas, rico filho, não ha duvida: tu ficas com carta branca para desancar o mundo inteiro, se isso te agrada e se tiveres razão. Apenas te exigimos isto:—que, antes de começares a dar bordoadas de cego no Zé Luci-Ano, vás para a escola aprender orthographia, syntaxe e metrificação. Logo que o mestre te dê habilitado, e tu saibas pôr dez reis de sal attico no que escreveres, tens no *Petardo* um amigo para o inverno. Antes, não, para que se não diga que somos dois a asnear.

Aos petardistas que garatujam no papel.—Na pasta ficaram de remissa varios artigos. As columnas não são elasticas, e, depois de cheias, berimbau de galhetas!

Não vos afflijaes com a demora, porque haveis de vêr a vossa rica prosa em letra redonda. Não a podeis mostrar já á familia e aos amigos para que avaliem o lume do vosso intellecto? Paciencia, paciencia! Fica adiado esse goso; e, entretanto, ide sonhando com a bella figura que fareis, aos olhos dos bacocos vossos amigos e parentes, quando lhes apresentardes o maravilhoso parto do vosso portentoso cerebro. Mas quinze dias d'otoratorio e a Felicidade, de rosto risonho, vos entrará pela porta dentro, levada pelas sujas mãos do humilde carteiro.

Charada

Por amor do pão trabalha,—1
 Com pouco mais terá vinho.—2
 O céu propicio lhe valha
 Para nos dar o páosinho.

Lina Fina.

Adivinha

Folhas e folhas eu uso,
 Sendo uma folha insensivel;
 Bons ou maus fructos produz:
 E sem eu ser comestivel,
 Muita gente me devora,
 Que depois me deita fora.

Comba Romba.

Charada

Esta raça especial, em Allemanha encontrarás para comer.

Paio.

Charadas novissimas

I

E' indispensavel na provincia este animal 1, 2

II

Esta ave está alem n'uma prisão 2, 1

III

O numero da minha sorte é uma desgraça 1, 2.

IV

A doente estava alegre no hospital 3, 2

V

Na planta ha um ser brilhante 1, 2

VI

Fui dextro n'esta era porque tinha presteza 2, 3

VII

Esta apparencia brevemente é de gentalha 1, 1

VIII

Exprime o que julg's e logo me absolves 1, 2

E. N.

Charada combinada por syllabas

(Do numero anterior)

Decifração: 1.^a—Tripeiros; 2.^a—Benevenuto.

Logographo

(Do numero anterior)

Decifração:—Nacionalismo.

Charada

(Do numero anterior)

Decifração:—Parafuso.

Charada em triangulo

(Do numero anterior)

Solução:

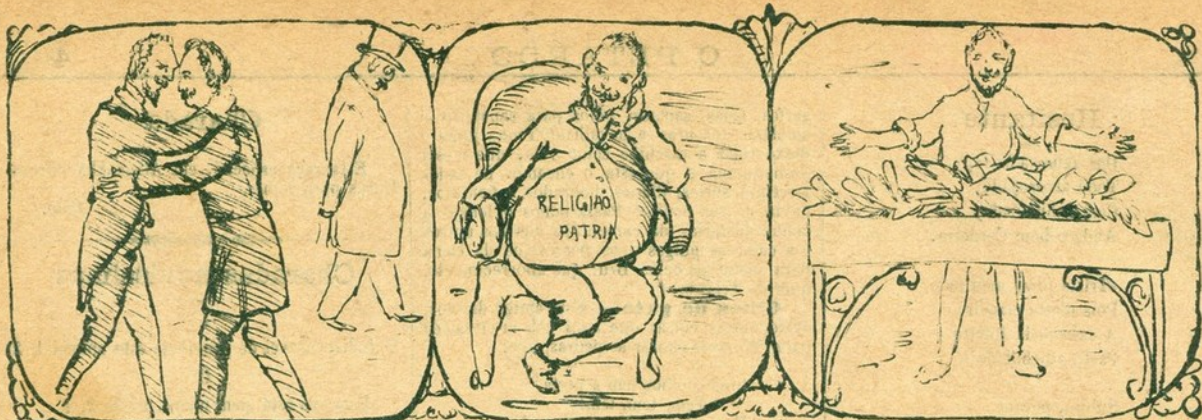
1. ^a	P	Patriarcha
2. ^a	a	archeiros
3. ^a	t	tubarões
4. ^a	r	rapioea
5. ^a	i	imagem
6. ^a	a	atlas
7. ^a	r	rico
8. ^a	c	cão
9. ^a	h	ha
10. ^a	a	a

Charadas novissimas

(Do numero anterior)

Decifração: 1.^a—Moinho; 2.^a—Ferro-velho; 3.^a—Engommadeira; 4.^a—Plataforma; 5.^a—Archeiro; 6.^a—Caminho; 7.^a—Perola.

Typ. de J. F. Fonseca—Rua Picaria, 74—PORTO

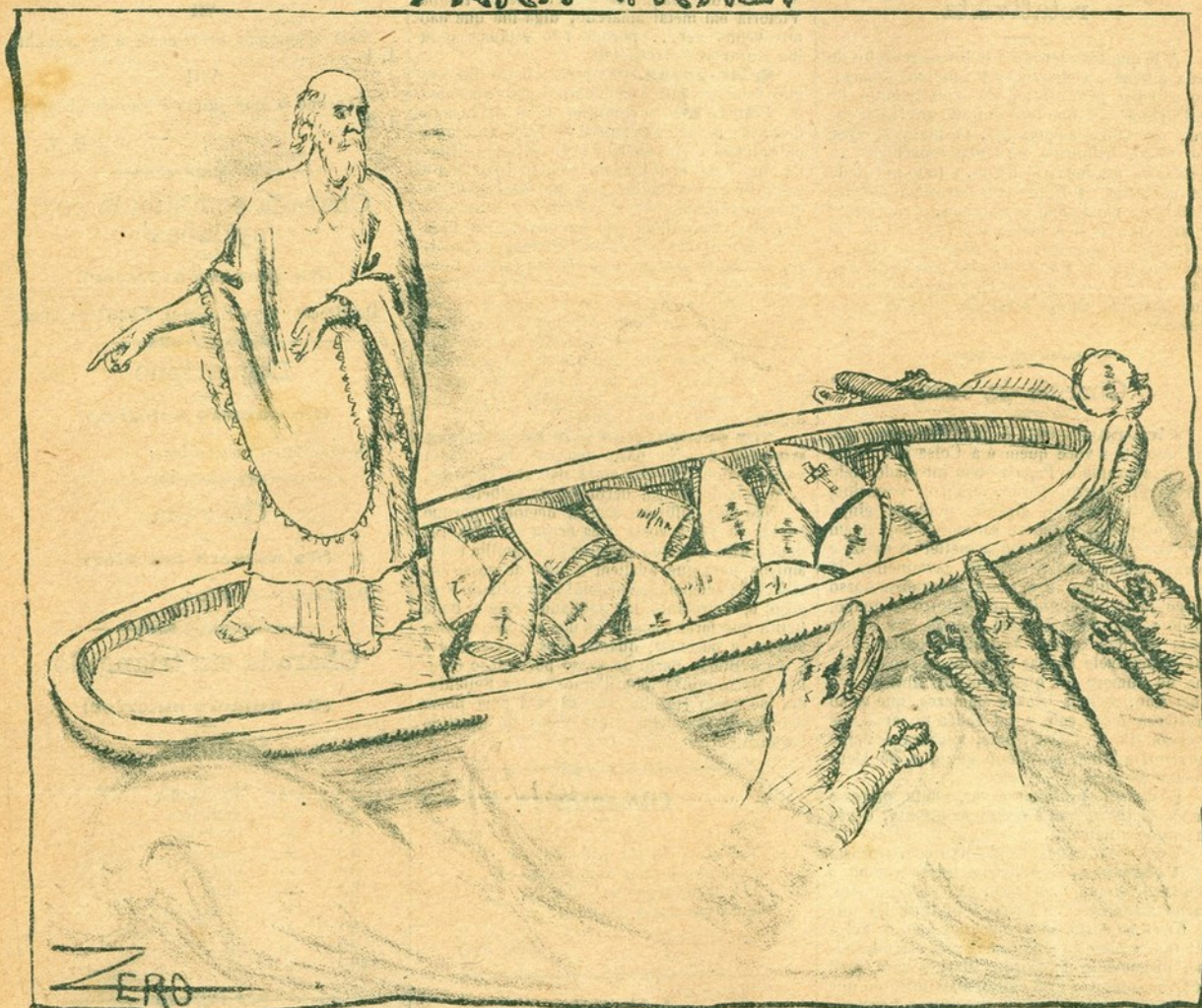


18.ª estação—N'esta estação contemplamos o nosso Jesus abraçado a n n n n a coq-tar-lhe todas as suas conquistas e triumphos, e n n n n a dizer-lhe:—Pois, rico filho, visto que te arranjaste, deixo-te na paz do Senhor. . . porque tambem quero ser gente quando o Zé Luci Ano tór ac poder.

19.ª estação—N'esta estação contemplamos o nosso Jesus, gaudioso, de pança cheia, a matutar na opportunidade de tornar a virar a casaca. . . para honra da Patria e da Religião, das quaes elle é servo fiel.

20.ª estação—N'esta estação contemplamos quam verdadeira é a sentença de Salomão: *O numero dos tolos é infinito*; porque se assim não fosse, o nosso Jesus estaria a estas horas a vender couve gallega na praça da Figueira em vez d'impingir jarachas na Voz da Patrancha.

PARA TRAZI!



Os jacarés pretendem assaltar a Barca de Pedro, mas o santo pescador da Galilea, brada-lhe: Para trazi! Estas venerandas insignias só as levam na cabeça os homens que prestam culto á virtude e honra ao saber.